

LINGUASAGEM

INTERAÇÃO NAS AULAS DE PORTUGUÊS: UM ESTUDO SOBRE AS INTERRELAÇÕES ENTRE PROFESSOR E ALUNOS E SUAS IMPLICAÇÕES NA APRENDIZAGEM

Sirleide Silva OLIVEIRA¹

RESUMO

As pesquisas em educação têm nos mostrado a importância da comunicação e da interação na sala de aula. Elas apontam que, apesar dos limites da escola, o ensino de português deve ultrapassar a artificialidade que se institui na sala de aula quanto ao uso da linguagem. Deste modo, este artigo tem como objetivo evidenciar de que modo os alunos se apropriam da interação entre eles e a professora e entre eles próprios nas aulas de português, focalizando também como resultado dessa interação, os fatores que influenciam na aprendizagem. Os dados analisados são resultantes de uma pesquisa do tipo etnográfico realizada em uma turma do sétimo ano do Ensino fundamental II. Esta perspectiva metodológica possibilitou observar e compreender as redes de interações que constitui o *corpus* analisado. As hipóteses com as quais trabalho são que: a aprendizagem depende da interação, embora os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem dão pouca/ muita importância a esse aspecto. A outra hipótese é a de que, o baixo desempenho dos alunos pode ser um indicador dos níveis de interação estabelecidos nas aulas de língua portuguesa. Os excertos teóricos utilizados para embasar as reflexões sobre interação encontram-se em Mattos (2001), Smolka (1991), Matêncio (2001), Bakhtin (1979), Vygotsky (2001) entre outros estudiosos da linguagem.

Palavras-chave: interação; aprendizagem; ensino; aula de português.

ABSTRACT

Research in education has shown us the importance of communication and interaction in the classroom. They point out that, despite the limits of the school, the teaching of Portuguese must overcome the artificiality that is established in the classroom regarding the use of language. Thus, this article aims to show how students appropriate the interaction between them and the teacher and among themselves in Portuguese classes, also focusing as a result of this interaction, the factors that influence learning. The data analyzed are the result of a research of the ethnographic type carried out in a seventh year class of Elementary School II. This methodological perspective made it possible to observe and understand the networks of interactions that constitute the analyzed corpus. The hypotheses with which work are: learning depends on interaction, although the subjects involved in the teaching and learning process give little / much importance to this aspect. The other hypothesis is that, the low performance of the

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) / Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL). E-mail: sibasilva@hotmail.com

students can be an indicator of the levels of interaction established in the Portuguese language classes. The theoretical excerpts used to support the reflections on interaction are found in Mattos (2001), Smolka (1991), Matêncio (2001), Bakhtin (1979) and Vygotsky (2001) among other language scholars.

Keywords: interaction; learning; teaching; Portuguese class.

Introdução

Este trabalho surgiu do interesse em estudar a linguagem nas relações entre professor e aluno e entre alunos-alunos. Os dez anos de atuação como professora do ensino fundamental, vivenciando várias situações singulares no ensino de língua portuguesa, despertou a vontade de investigar sobre o uso da linguagem em sala de aula, focalizando questões como: a interação, o silêncio, as dificuldades de aprendizagem, bem como, os bons índices de aprendizagem por parte de alguns alunos. Diante disso, uma questão prevalecia e pedia maior investigação: como o professor de português do ensino fundamental II, o qual lida com alunos já (supostamente) alfabetizados e em processo de escolarização mais avançado, deve agenciar a sua voz, de modo que a interação entre ele e seus alunos favoreça o ensino?

A problemática desse trabalho teve influência de duas importantes questões relacionadas à pesquisa na sala de aula, levantadas pela autora Kleiman (1991): "Por que a interação estimula a aprendizagem? Como e por que a linguagem muda a natureza da tarefa cognitiva envolvida?"

Esses questionamentos fizeram com que eu refletisse mais sobre o tema da minha pesquisa, e fosse delimitando as hipóteses de que a aprendizagem pode depender da interação, embora os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem dessem pouca importância a esse aspecto, conforme observado durante o período de convívio com os referidos sujeitos da pesquisa.

A outra hipótese adjacente é a de que o baixo desempenho de alguns alunos pode ser um indicador dos níveis de interação estabelecidos nas aulas de língua portuguesa.

Durante os meus anos no exercício da docência e por meio dos estudos sobre a linguagem na graduação e Pós-graduação, percebo que essa faculdade humana (a linguagem) é a principal forma de interação. É por meio dela que as relações se estabelecem. Sendo assim, é por ela que se aprende e se ensina na sala de aula. Como aponta Bakhtin (1979, p.22): "a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social (...). É, precisamente, na palavra que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica".

Nesse sentido, faz-se relevante compreender a interação nas aulas de Português e suas implicações na aprendizagem. Este estudo possibilitou relatar parte do que acontece nas macrointerações e microinterações nas aulas de português mostrando a relevância delas para o ensino-aprendizagem da disciplina. Foi possível perceber nesse estudo que há muitas questões a serem perseguidas na área da educação, que são tantas as questões e de tamanha variedade, cujas problemáticas ainda precisam ser conhecidas e compreendidas, para assim transformar a realidade, visto que esta é uma das expectativas do trabalho de pesquisa.

Das Condições da Pesquisa: o campo e os sujeitos

A pesquisa foi realizada em uma turma do turno matutino de sétimo ano do ensino fundamental em uma Escola municipal no povoado de Lucaia, localizado no interior da Bahia, no ano de 2014. O sétimo ano foi escolhido por se tratar de uma série em que pressupunha-se que os alunos já deveriam ter um nível satisfatório de leitura e escrita. Para dar início ao trabalho, houve uma entrevista informal com a professora de Português para sondagem da turma e conhecimento dos sujeitos a serem pesquisados. Nesse encontro, foram obtidas as informações gerais sobre os alunos e a professora regente. No início do ano foram matriculados na turma 25 alunos e até a data da pesquisa todos eles frequentavam as aulas. Segundo a professora, o índice de frequência na turma é considerado alto.

A escola é localizada em um povoado rural. Os alunos viviam a mesma realidade. Eram alunos de baixa renda. A maioria dos pais eram trabalhadores informais, trabalhavam nas fazendas, principalmente na colheita de café, que é a principal fonte de renda da comunidade. Os poucos pais que possuíam carteira assinada eram funcionários públicos de uma das duas escolas do povoado, ou em postos de gasolina. A maioria dos alunos era parentes, muitos deles frequentavam as mesmas igrejas, as mesmas bancas de estudo, os mesmos espaços sociais. Todos se conheciam. A idade média da turma variava de 12 a 15 anos, sendo que apenas três alunos estavam na idade certa para a série. Isso denota que o índice de distorção idade-série é alto na turma.

Após o período de observação do espaço, foi verificado que a sala era heterogênea, alguns alunos apresentavam dificuldade de aprendizagem, outros conseguiam acompanhar o ritmo da turma, e outros dependiam muito da mediação da professora e da ajuda dos colegas. Ainda assim não conseguiam a nota mínima para

serem promovidos (média cinco na escola pesquisada). Segundo a professora o baixo desempenho poderia estar associado à falta de perspectiva dos alunos em relação aos estudos, pois poucos de seus familiares conseguiram prosseguir nos estudos. Para ela, os alunos não veem no estudo uma oportunidade de mudança de suas vidas. Ela disse encontrar dificuldades para realizar bem o seu trabalho e desabafou: "está havendo um descaso pela educação, poucos alunos sabem para que vieram até aqui. Eles não estão aproveitando as aulas. O que estuda (conteúdo) fica aqui, quer dizer, para aqueles que estudam aqui, porque alguns nem aqui estudam, passam toda a aula brincando, atrapalhando o bom andamento da aprendizagem".

A professora tinha dois anos de experiência em ensino de Língua Portuguesa. Para o sétimo ano, era a primeira vez que ministrava aula de português. Ela possui graduação em letras modernas e é pós-graduada em língua estrangeira. Sua prática era fundamentada na participação coletiva. Em alguns momentos a professora negociava com os alunos, discutia, comentava, orientava, exigindo sempre a participação e se colocando na situação, tanto é que em todos os turnos da aula observada e transcrita a sua voz é a que mais aparece.

Percurso Metodológico

Fanizzi (2008) afirma que "a opção por uma metodologia de pesquisa é determinada pelos objetivos do estudo, pelos tipos de questões que se procura responder e pela natureza do fenômeno que se pretende estudar".

A presente pesquisa circunscreve-se no tipo de pesquisa etnográfica, visto que esta abordagem se mostra adequada para observar e compreender as redes de interações que constitui a experiência escolar.

Segundo André (1997, p.3) "o interesse dos pesquisadores pela etnografia está relacionado com o estudo das questões de integração em sala de aula". Eles buscavam retratar o que se passavam no dia a dia das escolas com o objetivo de compreender a realidade escolar para, numa etapa posterior, agir sobre ela, modificando-a.

A partir desta perspectiva metodológica a pesquisa de campo desenvolveu-se ao longo de, aproximadamente, quatro meses, a partir da autorização da diretora da escola e entrevista com a professora regente, entre Agosto e Dezembro de 2014.

Os principais instrumentos da pesquisa foram: as observações de aula, questionário, transcrições de aula, entrevistas e depoimentos informais da professora regente.

Aprender e Ensinar Língua Portuguesa na Escola

De acordo os PCN do Ensino Fundamental, o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa resultam da articulação de três elementos: o aluno, os conhecimentos com os quais se opera nas práticas de linguagem e a mediação do professor (BRASIL, 1997, p.22). O terceiro elemento engloba tanto a prática educacional do professor como a da escola. São eles que organizam a mediação entre sujeito e objeto do conhecimento.

Sobre a oralidade, encontramos nos PCN que "cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais: planejamento e realização de entrevistas, debates, seminários, diálogo com autoridades, dramatizações etc." (BRASIL, p. 25). Considerando isso, o ideal é que os professores adotem procedimentos que possibilitem aos alunos conhecer outras possibilidades de linguagem possíveis na sua língua materna e não somente o seu dialeto ou o dialeto padrão.

Sobre a leitura, os PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997, p.70) nos diz que do 6º a 9º ano exige-se leituras de textos que circulem socialmente, que tenham uma complexidade real. São textos que exigem estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação. Dito isso, podemos afirmar que a partir desta etapa (Terceiro e Quarto Ciclos) a escola deve caminhar na formação de leitores proficientes. O aluno precisará, então, muito mais da intervenção do professor para aceitar e superar os desafios mais complexos.

No que diz respeito à escrita, os PCN (BRASIL, 1997, p.57) orientam uma produção baseada nos gêneros orais e escritos. A proposta deste documento é que o texto seja a base para o ensino de língua materna. Dessa forma, temos que:

As atividades curriculares em Língua Portuguesa correspondem, principalmente, a atividades discursivas: uma prática constante de escuta de textos orais e leitura de textos escritos e de produção de textos orais e escritos, que devem permitir, por meio da análise e reflexão sobre os múltiplos aspectos envolvidos, a expansão e construção de instrumentos que permitam ao aluno, progressivamente, ampliar sua competência discursiva. (BRASIL, 1997, p. 27).

Antunes corrobora nesse sentido ao afirmar que: "o funcionamento interativo da língua só acontece por meio dos textos orais e escritos em práticas discursivas as mais diversas" (2003, p. 16). Poderíamos dizer que são essas práticas que ampliam gradativamente as potencialidades comunicativas do aluno. Sabe-se que o ensino de língua materna ainda não alcançou esse ideal, mas essas reflexões tem sido de grande

importância para o aprofundamento teórico do professor de português, o profissional que, por obrigação, precisa compreender como funciona o fenômeno da linguagem.

Interação e Aprendizagem

No que concerne à interação, cabe uma reflexão abordada por Melo e Teixeira (2012) sobre o que pondera Vygotsky:

Vygotsky (...) afirma que o sujeito precisa de um "outro" para existir como ser, ele não é apenas mais um elemento, pois, é capaz de pensar, se comunicar, agir e colaborar no meio em que vive. Ou seja, ele determina que o contexto é dinâmico e que o ser não é passivo no ambiente, porém em alguns momentos ele precisa de uma intervenção para aprender. (MELO E TEIXEIRA, 2012, p. 7).

Para entendermos a utilidade dos conceitos de interação e aprendizagem na sala de aula, urge uma explicação sobre cada um desses termos como objetos de pesquisa no campo educacional.

Segundo Mattos (2001, p. 21) "Interação é o processo que ocorre quando pessoas agem em relação recíproca, em um contexto social". Assim, podemos afirmar que na sala de aula a interação aparece quando alunos e professores agem simultaneamente com e sobre o objeto do conhecimento. O autor afirma que "Interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva: dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução".

Podemos trazer também para o espaço pedagógico o conceito de "interação dialógica" de Bakhtin. Em sua concepção dialógica de linguagem, Bakhtin apud Freitas (1995, p.5) coloca em diálogo: enunciado e vida, falante e ouvinte, arte e vida, linguagem e consciência. Nesse tipo de interação o sujeito, objeto da aprendizagem, age e recria no seio de outras vozes.

No processo de aprendizagem o professor é coautor. Ele é o responsável por organizar a interação entre ele e o educando em um processo de construção e reconstrução de conhecimento. Como afirmam os PCN:

Uma rica interação dialogal na sala de aula, dos alunos entre si e entre o professor e os alunos, é uma excelente estratégia de construção do conhecimento, pois permite a troca de informações, o confronto de opiniões, a negociação dos sentidos, a avaliação dos processos pedagógicos em que estão envolvidos. (BRASIL, 1997, p. 24).

Fica claro que o sujeito em um determinado ambiente precisa do outro para aprender. Como defende Freitas (1995, p. 9):

Sem a presença do outro o homem não mergulha no mundo sógnico, não penetra na corrente da linguagem, não se desenvolve, não realiza aprendizagens, não ascende às funções psíquicas superiores, não forma a sua consciência, enfim não se constitui como sujeito.

Essas reflexões sobre interação e aprendizagem mostram que a linguagem é o elemento que atua como um instrumento de expressividade à disposição dos estudantes. Por meio dela é que eles "interagem produtivamente e adquirem cada vez mais, condições para o exercício da autonomia, da criticidade e da cidadania". (OLIVEIRA e MACEDO, 2006, p.117). Macedo e Oliveira (2006) afirmam que os professores de todas as áreas do conhecimento "tem o compromisso de incentivar a busca por metodologias alternativas e de ampliar os espaços interacionais que visam ao desenvolvimento pleno dos sujeitos num contexto pedagógico" (2006, p. 116).

Como tem revelado as pesquisas em educação, o ensino, principalmente o ensino de português, deve ultrapassar a artificialidade que se institui na sala de aula quanto ao uso da linguagem. No que se refere ao ensino fundamental e médio, por exemplo, as orientações dos PCN é que: "o currículo represente investimento em habilidades básicas para aprendizagem do ser humano, coerentes com as experiências e conhecimentos tanto de âmbito cultural, como social e científico". (OLIVEIRA e MACEDO, 2006, p. 121).

As atividades interativas na sala de aula devem ser centradas no texto. Segundo Antunes "nos PCN nenhuma atenção é concedida aos conteúdos gramaticais na forma e na sequência tradicional das classes de palavras" (2003, p. 22). A autora afirma que o documento não faz referência a definições e classificações gramaticais.

Geraldi (2004, p. 88) defende um Ensino de Língua Portuguesa centrado em três práticas: Leitura de textos, produção de texto e análise linguística. Segundo ele, essas práticas, integradas no processo de ensino-aprendizagem, têm dois objetivos interligados: a) tentar ultrapassar, apesar dos limites da escola, a artificialidade que se institui na sala de aula quanto ao uso da linguagem; b) possibilitar, pelo uso não artificial da linguagem, o domínio efetivo da língua padrão em suas modalidades oral e escrita.

Análise dos Dados

O material de análise neste trabalho consta de: uma transcrição de aula com duração de 100 minutos; algumas dinâmicas de interação aplicadas pela professora da turma; um questionário para professor e outro para alunos e depoimentos informais da professora regente sobre os resultados finais dos alunos nas unidades didáticas.

O estudo dos dados foi realizado a partir de excertos por meio dos quais tentou-se examinar as interações na aula de português entre professor e aluno e entre alunos-alunos e suas implicações na aprendizagem.

Professora	Alunos
Possui graduação em letras Modernas e pós-graduação em língua inglesa no EAD.	48% meninos e 52% meninas
Atua no ensino de língua portuguesa no fundamental II há 7 anos.	12% estão na idade-série adequada e 88% estão com idade-série não equivalente.
Desde a sua especialização não participou de nenhum outro curso de formação ou extensão.	20% participam do programa "Mais Educação" (proposta de permanência na escola em tempo integral).

Tabela 1: Perfil dos Sujeitos da Pesquisa

A aula transcrita não teve uma iniciação de rotina (chamada, arrumação da sala, conversa informal). Os alunos foram entrando na sala e tomando seus lugares. Enquanto eles se organizavam, a professora se colocou à frente da sala e aguardou até que todos se sentassem. Nesse momento não houve nenhuma interação verbal. A professora sondou a sala com um olhar e os alunos compreenderam aquela comunicação. Até então, a "interação" entre professor e alunos foi só silêncio. O uso da fala só começou a aparecer a partir do momento em que a professora entrou no tópico da aula. O que pode ser verificado em alguns trechos da transcrição.

1º excerto

Ritual de abertura: momento de avisos e recomendações

Professora: *"veja só, antes de a gente começar nossa aula de hoje, eu vou logo fazer um lembrete"*. A professora escreve o lembrete no quadro (avaliação de português dia 03/09 - quarta-feira).

Alguns alunos repetem: "LEMBRETE, LEMBRETE" /outros alunos leem o aviso em voz alta: AVALIAÇÃO DE PORTUGUÊS.

Contextualização da aula

Professora. *"atenção aqui: dê uma lida no texto da página 57, tá"?*

A turma fica curiosa com a presença da pesquisadora na sala. Eles trocam olhares e cochicham entre si. Nesse momento, eles conversam constantemente. Alguns sorriem, outros dão atenção à explicação da professora. A maioria da turma copia, mas apenas uma minoria faz questionamentos acerca do assunto da aula. Diante das conversas paralelas, a professora não interrompe a sua fala.

Essa análise mostra que a professora priorizou a interlocução de um ponto de vista estritamente didático (MATÊNCIO, 2001), pois os eventos de interação espontâneos foram ignorados. Esta estratégia marca o estilo de muitos professores que inocentemente podem estar excluindo a possibilidade de interação. Podemos afirmar que a professora não teve uma escuta sensível, nestes momentos (NUNES, 2009), pois como diz Nunes:

A escuta sensível apóia-se na empatia. O pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para "compreender do interior" as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores, de símbolos e de mitos. (René Barbier, 2007, p.94, apud Nunes, 2009, p. 27).

Como afirmou Vygotsky (apud MELO E TEIXEIRA, 2012, p.7), o sujeito precisa do outro para aprender. Conforme os PCN de Língua Portuguesa, "nas situações de ensino de língua, a mediação do professor é fundamental: cabe a ele mostrar ao aluno a importância que, no processo de interlocução, a consideração real da palavra do outro assume, concorde-se com ela ou não" (BRASIL, 1997, p.47).

2º excerto:

Professora: *"Ei, por favor. Como eu tinha combinado com vocês, nessa aula a gente vai conversar um pouco sobre aquela atividade que ficou para casa. Aquela produção de texto viu?"*

Professora: *"Vou passar algumas questões aqui, só para eu saber como foi a produção do texto".* (a professora escreve três perguntas na lousa, as quais estão explicitadas na tabela 2).

Questões	Respostas dos alunos	Porcentagem que não participaram
%_ Você acha que é difícil escrever? Por quê?	É porque a gente vai tentando, tentando, até a gente cansa. Eu acho que é só pensar professora.	92 % dos alunos

<p>%_Foi difícil escrever seu texto sobre a personagem do Sítio do Pica-pau Amarelo. Você teve alguma dificuldade? Quais (is)?</p>	<p>Foi fácil porque eu escolhi uma personagem que eu já conhecia. Foi fácil. Eu pesquisei sobre a personagem.</p>	<p>92% dos alunos</p>
<p>%_Na sua opinião, o que é preciso para escrever um bom texto?</p>	<p>É preciso ter começo meio e fim, ter objetivo (inaudível), ter a personagem e conseguir fazer com amor (inaudível). Conhecer a personagem, colocar palavras que tem a ver com é.: não ter palavras erradas (inaudível), começar com letras maiúsculas. É importante conhecer sobre o que vai escrever.</p>	<p>88% dos alunos</p>

Tabela 2: Atividades de Interação

Na tabela pode-se perceber a participação e envolvimento da turma na atividade. A maioria dos alunos permanecia passiva. Quando solicitados a participar argumentavam não ter respondido a tarefa.

A proposta didática era promover a discussão sobre o tema da aula e em seguida fazer a produção e depois leitura, conforme preconizam os PCNs de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, ao afirmarem que as atividades de Língua Portuguesa devem corresponder principalmente a atividades discursivas. Contudo, poucos alunos participaram ativamente da aula. A maioria deles não demonstrava interesse.

Durante a realização dessa atividade os interlocutores alternaram suas vozes em alguns momentos o que caracteriza uma interação dialogal (SMOLKA, 1991), mas há poucas evidências de que a interação tenha favorecido a aprendizagem, porque o processo de interlocução não teve o envolvimento pleno da turma.

Entre as aulas observadas durante a pesquisa, as aulas transcritas foram as que mais apresentaram manifestações orais tanto da professora como dos alunos, porém as enunciações da professora são bem mais superiores às enunciações dos alunos (55 enunciações da professora e 25 dos alunos).

No excerto seguinte da transcrição, percebe-se diferentes movimentos da professora: perguntas, considerações e até mesmo repreensão e não se percebe muito sucesso em conseguir fazer com que os alunos participem.

3º excerto:

Professora: "Ah tá. Vocês pesquisaram sobre a personagem adquiriu as informações sobre ela e tentar produzir o seu texto e pronto. Ah, sim S."

Aluno S.: "O quê que tem eu"?

Professora. "Vamos passar para a três então. Na sua opinião, o que é preciso para escrever um bom texto? Esta aqui eu quero que vocês escrevam tá? As duas primeiras nós respondemos oralmente, a última... atenção! A terceira eu quero que vocês escrevam tá" ?

Aluno A.: "É o que professora"?

Aluno D.: "Professora é para todo mundo fazer isso"? (Inaudível, alunos continuam conversando).

Professora: "T, por favor, tem que (inaudível) olha no parágrafo aí de S ela conseguiu colocar aí alguns aspectos importantes para produzir um bom texto. Ela citou alguns elementos que a gente já até viu em aulas anteriores, né? Como, por exemplo, a repetição (inaudível) ficar repetindo toda hora a mesma palavra, então ela já né, já conseguiu colocar no textinho dela, aí (inaudível). Um bom texto não pode ser tão repetitivo. (a professora dirige-se para um aluno e pergunta: você vai ler"?)

Aluno T.: "eu não". (A professora reclama o aluno T)

Professora: T, atenção! (O aluno fica bravo com a professora e responde: é.: "é só eu que estou bagunçando". A professora se dirige a outros alunos e continua questionando sobre o texto).

Transparece nesse excerto transcrito, uma dificuldade de interação por parte dos alunos com o conteúdo trabalhado. Ao observar esse espaço de interação com base nessa aula específica, fica evidente que grande parte dos alunos não participou interagindo com relação ao objeto de aprendizagem, estavam dispersos. Como mostrou a tabela 2, poucos alunos fizeram perguntas direcionadas ao tópico/tema da aula e demonstraram interesse em relação ao assunto. Apesar de todo o esforço da professora, a palavra desta, e a dos poucos colegas que participaram, pareciam não ter relevância para os demais interlocutores na sala.

É possível delinear aqui uma aprendizagem com relação ao conteúdo exposto? Não é possível saber se os alunos aprenderam nesse momento com a professora e/ou com os colegas porque faltou-lhes o diálogo que é imprescindível para a aprendizagem. Pois como afirma Bakhtin (apud Smolka, 1991, p. 17): "Quando os indivíduos penetram na tecitura da comunicação humana e mergulha na trama das trocas verbais, a consciência desperta e começa a operar". O conhecimento resulta da cumplicidade dessa interlocução.

Do ponto de vista da professora, sujeito da pesquisa, os problemas relacionados à interação não estão entre os sujeitos (aluno e professor). Ao responder algumas questões a respeito do nível de interação de sua turma (7º ano B), ela nos diz: *"Considerando o nível "aluno-professor e aluno-aluno" poderia caracterizar grande interação, mas o nível aluno-conteúdo caracterizo média-interação, por conta da dificuldade de aprendizagem.*

A professora declara que há uma interlocução na sala de aula. Que ela e seus alunos assumem os papéis de locutor/interlocutor, mas ao dizer que a interação aluno-conteúdo é média, ela nos permite entender que essa interlocução é artificial, na medida em que os alunos não interagem bem com o objeto de ensino. Com esse resultado refletimos em que medida ela e seus alunos são locutores/interlocutores efetivamente.

Nas falas de Geraldini (2004, p. 89) essa artificialidade está relacionada à falta de aprendizagem, pois segundo ele "[...] os papéis básicos da interlocução estão estritamente marcados: o professor e a escola ensinam; o aluno aprende (se puder)" (grifo meu).

A análise dos resultados das três unidades didáticas, fornecidos pela escola, campo de pesquisa, indica que a aprendizagem da turma não tem sido satisfatória. Na 1ª unidade, 10 alunos não conseguiram 50% de aproveitamento, na 2ª unidade 7 não conseguiram os 50% e na 3ª unidade, novamente 10 não conseguiram os 50% de aproveitamento esperados.

O depoimento da professora sobre o desempenho dos alunos confirma a sua insatisfação com o resultado da turma e com a forma como tem sido direcionada a interação nas aulas de português:

"Os alunos do sétimo ano B como no geral é uma turma mista cada aluno com suas dificuldades específicas. Há alunos com competências e habilidades superiores. Porém são minoria. Além das dificuldades de ler, interpretar e assimilar regras gramaticais, falta compromisso, responsabilidade. Acredito e sinto também responsável pela dificuldade da turma. Sempre me questiono a respeito das atividades de aprendizagem de avaliação se estão sendo desempenhadas corretamente, se é necessário mudar, mudar em quê?"

"Essas angústias que todo professor deve sentir quando nosso objetivo não é alcançado".

Com o objetivo de contrastar a opinião da professora com a opinião dos alunos, estes responderam também algumas questões, considerando o ponto de vista individual deles, o que traduz a sua compreensão do seu nível de interação em classe. Abaixo tem-se o resultado registrado na tabela 3:

Atividades interativas	Interações na perspectiva dos alunos	
	Alunos e alunos	Professora e alunos
Leitura	53,3% (às vezes), 46% (sempre)	20% (às vezes), 73,3% (sempre), 6,6 (raramente.)
Produção de texto	53,3 (às vezes), 40% (sempre), 6,6% (raramente)	46,6% (às vezes), 46,6% (sempre)
Aula expositiva	46% (às vezes), 13,3% (sempre), 26,6% (raramente), 13,3% (nunca)	46,6% (às vezes), 53,3% (nunca)
Trabalho em grupo	40% (às vezes), 33,3% (sempre), 26% (raramente)	53,3% (às vezes), 20% (sempre), 20% (raramente), 6,6% (nunca)

Tabela 3: Interação entre Sujeitos

Estas atividades escolares demonstradas na tabela envolvem bastante a interação. O objeto do conhecimento em negociação em cada um desses tópicos requer a presença do outro com quem se articula as informações, ou negociando as perspectivas ou rejeitando-as (SMOLKA, 1991). Como podemos ver na tabela, as interações entre alunos-alunos estão em equilíbrio, sendo que para todos os tópicos, a maior parte declara uma média interação. Já em relação à interação entre professor e alunos, o resultado mostra que pode estar havendo mesmo um problema de interação. Como podemos ver na tabela, no tópico que exige mais diálogo, mais negociação e que pode aparecer também o conflito (aula expositiva), o item que podemos interpretar como interação **0 (zero)** (considerando os itens: sempre, às vezes, raramente, nunca) aparece de forma bastante expressiva. Como vemos nos dados, a maior parte dos alunos declarou que nunca interage com o professor por meio da aula expositiva. Buscando recurso em Kleiman (1991) pensamos então se o objeto do conhecimento, especificamente nesse tópico, não está excluindo a possibilidade de interação.

Considerações Finais

Durante a pesquisa fui tomada por várias inquietações e questionamentos acerca do ensino de Língua Portuguesa no ensino fundamental. Mas o meu propósito estava determinado. Eu queria produzir um conhecimento válido para a educação. Minha

preocupação era que o meu trabalho fosse útil para a sociedade. E assim fui guiando o meu estudo procurando entender os fenômenos da linguagem nas relações em sala de aula, porque hoje, mais do que antes, percebo que entender esses fenômenos é crucial, visto que a língua interessa a todas as atividades humanas, principalmente ao ensino, e aos que lidam com este.

Esta pesquisa possibilitou identificar que a dimensão interacional e discursiva da língua já estão presentes no ensino de língua portuguesa, embora o professor ainda verse para o estudo/ensino descontextualizado da palavra. Contudo, já houve grandes avanços. Percebe-se que muito da prática pedagógica descontextualizada já foi vencida e superada. Se o ensino de língua portuguesa ainda fracassa, precisamos descobrir outros entraves.

Atentando para o objetivo da pesquisa, cujo propósito era evidenciar de que modo os alunos se apropriam da interação entre eles e a professora e entre eles próprios nas aulas de português, focalizando também os fatores que influenciam na aprendizagem foi possível atingi-lo. A pesquisa das macro e microinterações na sala de aula possibilitou identificar a relevância delas para o ensino-aprendizagem na aula de Português. Identificamos alguns tipos de tarefas de interação "válidas" nas aulas de português, bem como os tipos de atividades cognitivas que podem levar o aluno ao conhecimento. As concepções teóricas que nortearam este trabalho estiveram sempre em confronto com os dados e não revelaram grandes distâncias entre o que os teóricos discutem sobre o ensino de língua portuguesa no ensino fundamental e a prática pedagógica, objeto de pesquisa.

Por fim o objetivo deste trabalho foi contribuir com a qualidade do ensino de Língua Portuguesa. Tenho a consciência da amplitude razoável dos resultados, dado o caráter limitado de tempo, espaço, quantidades dos informantes, bem como dos achados e também das possibilidades de análises. Mas espero que este estudo inspire outras pesquisas sobre interação em sala de aula e contribua significativamente nas pesquisas educacionais. E assim provoque mudanças necessárias. Posso afirmar que algo já mudou, pois enquanto profissional da educação já não consigo mais interagir com meus alunos sem pensar e refletir sobre as diferentes funções da linguagem, sobre a língua como meio de interação, compreensão e atuação no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, M. **Tendências atuais da pesquisa na escola**. Cad. Cedes, vol.18, n.43. Campinas. Dec.1997.
- ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2014.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.
- FANIZZI, S. **A interação nas aulas de matemática: um estudo sobre aspectos constitutivos do processo interativo e suas implicações na aprendizagem**. 2008.
- FREITAS, M. T. de. A. **Nos textos de Bakhtin e Vygotsky: um encontro possível**. 1995.
- GERALDI, J. W. et al. (orgs.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- _____. **A linguagem em Paulo Freire**. Texto apresentado no III Congresso Cotidianos Diálogos sobre Diálogos, na Universidade Federal Fluminense, na mesa-redonda "Ambiguidade do erro", em 11/8/2010.
- KLEIMAN, A. B. **Introdução. E um Início: A Pesquisa sobre Interação e Aprendizagem**. Trabalhos em Linguística Aplicada, 18, p.5-14, 1991.
- MATÊNCIO, M. DE L. M. **As interações em língua materna: objeto de estudo e de ensino**. Campinas: Mercado de letras. pp.43-136. 2001.
- MATTOS, C. L. G. de. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. 2001.
- MELLO, E. F. F ;TEIXEIRA, A. C. **A Interação social descrita por Vigotsky e a sua possível ligação com a aprendizagem colaborativa através das tecnologias de rede**. In IX ANPED - seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012. Disponível em http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao_Comunicacao_e_Tecnologias/Trabalho/06_03_38_6-7515-1-PB.pdf
- NUNES, L. S. **Escuta sensível do professor: uma dimensão da qualidade da educação infantil**. 2009. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- OLIVEIRA, A.; MACEDO, R. M. J. **Interação e aprendizagem**. Revista Uniletras. Rio Grande do Sul. p. 113-125, dez. 2006
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, 106 p.
- SMOLKA, A. L. B. **"Múltiplas vozes na sala de aula: Aspectos da construção coletiva do conhecimento na escola"**. Trabalhos de Linguística Aplicada, Campinas, n. 18, pp. 15-28, jul-dez. 1991.

Como referenciar este artigo

OLIVEIRA, Sirleide Silva. Interação nas aulas de português: um estudo sobre as interrelações entre professor e alunos e suas implicações na aprendizagem. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.30, n.1, p. 28-43, jan./jun. 2019. ISSN: 1983-6988.

Submetido em: 09/08/2016.

Aprovado em: 04/03/2019.